

PPGS USP
Processo Seletivo 2024
MESTRADO

Prova de conhecimentos teóricos

Escolha **apenas um** dos segmentos disparadores a seguir e, a partir de sua leitura, elabore um texto de natureza dissertativa, com título, que contenha uma análise **sociológica** do segmento escolhido. Em seu texto, mobilize a *bibliografia* indicada no edital como *eixo central*. Caso deseje, você poderá incluir *de maneira complementar* outras referências sociológicas que julgar pertinentes para a análise e que não estavam previstas no edital, especialmente aquelas relacionadas a seus interesses de pesquisa.

SEGMENTO DISPARADOR 1

São Paulo é o maior centro industrial da América do Sul: O pessoal da tecelagem soletra no cocuruto imperialista do 'camarão' [bonde] que passa. A italianinha matinal dá uma banana pro bonde. Defende a pátria.

– Mais custa! O maior é o Brás!

Pelas cem ruas do Brás, a longa fila dos filhos naturais da sociedade. Filhos naturais porque se distinguem dos outros que têm tido heranças fartas e comodidade de tudo na vida. A burguesia tem sempre filhos legítimos. Mesmo que as esposas virtuosas sejam adúlteras comuns.

A rua Sampson se move inteira na direção das fábricas. Parece que vão se deslocar os paralelepípedos gastos.

Os chinelos de cor se arrastam sonolentos ainda e sem pressa na segunda feira. Com vontade de ficar para trás. Aproveitando o último restinho da liberdade.

As meninas contam os romances da véspera espremendo os lanches embrulhados em papel pardo e verde.

– Eu só me caso com um trabalhador.

– Sai azar! Pra pobre basta eu. Passar a vida inteira nesta merda!

– Vocês pensam que os ricos namoram a gente a sério? Só pra debochar.

– Eu já falei pro Bralio que se é deboche, eu escacho ele.

– O Pedro está ali!

– Está te esperando? Então deixa eu cair fora!

O grito possante da chaminé envolve o bairro. Os retardatários voam, beirando a parede da fábrica, granulada, longa, coroada de bicos. Resfolegam como cães cansados para não

perder o dia. Uma chinelinha vermelha é largada sem contraforte na sarjeta. Um pé descalço se fere nos cacos de uma garrafa de leite. Uma garota parda vai pulando e chorando alcançar a porta negra. O último pontapé na bola de meia.

O apito acaba num sopro. As máquinas se movimentam com desespero. A rua está triste e deserta. Cascas de bananas. O resto de fumaça fugindo. Sangue misturado com leite.

Na grande penitenciária social os teares se elevam e marcham esgoelando.

GALVÃO, Patricia. Parque Industrial. Edição para Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SEGMENTO DISPARADOR 2

"Os antigos construíram Valdrada à beira de um lago com casas repletas de varandas sobrepostas e com ruas suspensas sobre a água desembocando em parapeitos balaustrados. Deste modo, o viajante ao chegar depara-se com duas cidades: uma perpendicular sobre o lago e a outra refletida de cabeça para baixo. Nada existe e nada acontece na primeira Valdrada sem que se repita na segunda, porque a cidade foi construída de tal modo que cada um de seus pontos fosse refletido por seu espelho, e a Valdrada na água contém não somente todas as acanaladuras e relevos das fachadas que se elevam sobre o lago mas também o interior das salas com os tetos e os pavimentos, a perspectiva dos corredores, os espelhos dos armários. Os habitantes de Valdrada sabem que todos os seus atos são simultaneamente aquele ato e a sua imagem especular, que possui a especial dignidade das imagens, e essa consciência impede-os de abandonar-se ao acaso e ao esquecimento mesmo que por um único instante. Quando os amantes com os corpos nus rolam pele contra pele à procura da posição mais prazerosa ou quando os assassinos enfiam a faca nas veias escuras do pescoço e quanto mais a lâmina desliza entre os tendões mais o sangue escorre, o que importa não é tanto o acasalamento ou o degolamento mas o acasalamento e o degolamento de suas imagens límpidas e frias no espelho. Às vezes o espelho aumenta o valor das coisas, às vezes anula. Nem tudo o que parece valer acima do espelho resiste a si próprio refletido no espelho. As duas cidades gêmeas não são iguais, porque nada do que acontece em Valdrada é simétrico: para cada face ou gesto, há uma face ou gesto correspondente invertido ponto por ponto no espelho. As duas Valdradas vivem uma para a outra, olhando-se nos olhos continuamente, mas sem se amar."

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.